

# A VE MARIA

REVISTA SEMANAL CATHOLICA E ILLUSTRADA  
SÃO PAULO, 15 DE ABRIL DE 1916



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : RUA JAGUARIBE, 73  
Caixa, 615 — Telephone, 1304 — S. PAULO

ORGAM NO BRASIL DA ARCHICONFRARIA  
DO I. CORAÇÃO DE MARIA. REDIGIDA PE-  
LOS MISSIONARIOS FILHOS DO MESMO  
IMMACULADO CORAÇÃO



ASSIGNATURAS :  
ANNO. . . . . 5\$000  
PERPETUA. . . . . 80\$000  
PAGAMENTO ADEANTADO

ANNO XIX

NUMERO 16

## A REDEMPÇÃO



QUELLE heroe tarsense, que fez echoar o nome de Christo d'um a outro confim do imperio romano, o apostolo das gentes, São Paulo, a quem assombrados e estupefactos ouviam os sabios do Areópago, deixou estampadas em sua 1.<sup>a</sup> epistola aos Corinthios uma frase que synthetisa de modo maravilhoso o sublime drama de nossa Redempção. A fraqueza e o abatimento divinizados por Christo triumpharam das arrogancias da humana soberba. *Infirma mundi elegit Deus ut confundat fortia.* I. Cor. I. 27.

Quão vastos horizontes se descorrinam á luz desta soberana revelação!

Depois do *fiat* creador, que encheu de soes os espaços, os soes de lume inestinguivel, e fez da luz solar manancial de fecundidade e vida, depois de haver tapizado de floras e faunas exuberantes de belleza os continentes e os abysmos insondaveis dos mares, ainda ficava a Creação acephala e incompleta; faltava-lhe o remate que devia corôar a obra do universo; o elo que encadeasse o mundo visivel com

o invisivel, o mundo material com o mundo das inteligencias. Ao modo que se mostra desgostoso o marcial conquistador perante as vastas regiões occupadas pela pujança de seu braço tanto que as contempla silenciosas e somente palpita de entusiasmo quando chegam aos seus ouvidos os cantos de loa ao conquistador, os bravos ao valor de seu braço, sahidos dos labios dos seus admiradores. De igual sorte em presença da Creação Deus como que não podia sentir satisfeitos seus designios de bondade; era preciso que houvesse na terra um ser inteligente, que recolhendo em seus labios o mudo hymno de gloria que escapa de todos os ambitos do universo o traduzisse na linguagem da intelligencia, o elevasse até os igneos degraus do trono divino: era necessario o homem, elo mysterioso que encadea o mundo visivel e o prende ao invisivel, completando desta arte a Creação.

Assim perfecta a obra magna de Deus ao exterior, considerada em si mesma, chefiada pelo homem apparece entretanto mui incompleta si a considerarmos sob outro aspecto, isto é, nas suas relações com Deus: descorrinam-se novos abysmos a encher: um

abysmo entitativo, outro abysmo moral: ambos infinitos. O homem embora considerado um verdadeiro microcosmos, entitativamente distancia-se infinitamente de Deus Creador. O abuso da liberdade o tornou peccador, e o peccado o arremessou á uma distancia moral de gigantescas proporções. Para que a gradação fosse perfeita fazia-se indispensavel preencher os dous abysmos. Como? Para ligar o primeiro, que separa a materia do espirito, appareceu o homem, composto de ambos os clementos; para unir o segundo entre o finito e o infinito faltava um novo anel, um complexo de limitado e immenso, um composto de Creatura e Creador, um Deus—Homem, que ao mesmo tempo seja Deus encarnado, que encherá o vacuo entitativo entre Deus e o homem: Deus Redemptor que occupará o vazio moral entre Deus ofendido e o homem peccador.

O Anjo das escholas apresentou estes problemas e os resolveu com a clarividencia de querubim, com que esclarece e soluciona todos os mais abstrusos da theologia catholica. Si o homem não peccasse, disse, provavelmente Deus ter-se-ia encarnado para que a criação fosse perfeita. De feito: Jesus Christo, o Deus Homem, é o laço, o ponto de confluencia do finito e do infinito; n'Elle e por Elle a criação syntheticamente representada em sua natura humana atirou-se nas correntezas da vida divina e foi parar nos seios da Divindade. Ficou cheio o primeiro abysmo.

Grande é Deus na Creação: maior na Encarnação: infinitamente maior na Redempção. Para guindar a natureza humana até Deus, este aprofundou-se, abaixando-se até a união hypostatica com a humanidade; para reerguel-a das infinitas profundezas abertas pelo peccado até o amplexo com a santidade deifica, pela culpa ultrajada, preciso se fazia que Deus descesse e assumisse o peccado, do modo que a Deus é licito, isto é, não em si mesmo, visto pugnar metaphisicamente com a santidade infinita, porem nas consequencias e com os seus efeitos fabricar o remedio, o antidoto, a reparação e a redempção da culpa.

Como será possivel realizar-se isso? Escutai: o peccado é um complexo de orgulho, de rebeldia: a reparação deveria ser sua anthitese, um complexo de abatimento, de dôr e de obediencia. O homem divinizara o orgulho, o sensualismo, a revolta: o Redemptor devia divinizar a humildade, o soffrimento, a subjecção: devia descer ao abysmo de todos os abatimentos, de todas as dôres, da obediencia infinita: recolher no seu humanado coração, na sua alma pura e na sua Pessoa divina todos estes efeitos do peccado, lançal-os nas torrentes de seu amor immenso, de sua misericordia sem limites e convertel-os em expiação superabundante, em sacrificio reparador, em victima redemptora de todos os homens e de todos os mundos.

E sendo que nem nos céos, nem na terra havia sacerdote apto para offertar uma victima de tamanho valor, o mesmo Deus Redemptor oficiou de sacerdote: offereceu-se a si proprio. E como o sacerdote não pode offerecer a victima sinão em altar ad hoc, e altar adequado para um sacerdote, e uma victima que eram synthese dos abatimentos, das dôres e das obediencias infinitas só podia ser o mais abatido, o mais doloroso, e o mais humilhante na terra; eis porque Jesus-Christo escolheu por altar um cadafalso e uma cruz e entregou sua humanidade sacrosanta aos cravos e á cruz.

Desde Jesus Christo até ca os abatimentos voluntarios e as dôres buscadas e as obediencias espontaneas se transformaram em surgentes de reparação, de nobreza e de grandeza moral; assim a cruz transfigurou-se em signo de redempção, de honra, de esperanza; e a cruz é nossa bandeira, coroa nossos templos, encima nossos altares, refulge sobre as corôas reaes e remata nossos mausoleos, ficando assim demonstrado que os abatimentos divinizados por Christo triumpham das arrogancias e da soberba do homem.

F. S.



## CHRISTO E JUDAS

**A**CHAVA-SE um dia o celebre e piedoso L. Vinci sentado em uma modesta officina de pintura, tendo diante de si uma tela, onde se viam os primeiros traços da sua famosa *Ceia*. Estava meditabundo e pensativo.

O habil pincel na mão do grande artista estava parado e um profundo suspiro lhe saiu do peito. Buscava, durante muito tempo, um modelo acabado e perfeito do rosto de Christo para o seu quadro, mas em vão. Deparara com muitos rostos elegantes e de formas nobres, vira brilhar nos olhos de muitos uma expressão de magestade e encanto, mas um conjuncto de sublimidade soberana, qual a ideava para o rosto divinal que devia figurar no seu quadro, ainda não dera com elle, nem na cidade eterna nem fóra della apezar das suas grandes diligencias.

Salta então de sua cadeira; e o movimento rapido lhe descompz a longa cabelleira, que lhe pedia da frente e em toda a volta.

—Animo, diz elle, ao erguer-se agitado, o que não consegui até agora hoje posso alcançal-o.

Atira com o pincel e a palheta, lança um manto sobre os hombros, põe o barrete sobre a longa cabelleira annelada e dispõe-se a sair.

Mas antes quiz dirigir uma fervente prece a Jesus para que lhe concedesse o ser feliz na sua diligencia.

Saiu fóra, buscou ainda á direita e á esquerda, pelas ruas e praças da grande cidade o seu modelo e ideal para a sua querida imagem, mas baldados esforços...

Pensava já em voltar para casa, quando deu com uma igreja aberta, donde saiam um grupo de jovens; e a voz de um delles que fallava chegou aos seus ouvidos tão suave, fina e penetrante que este como instinctivamente seguiu o grupo.

O joven fallava com vigor e expressão; e das suas palavras se deprehendia ser elle o primeiro cantor da igreja de que fallamos.

—Taes qualidades, diz o pintor, devem estar num corpo de formas peregrinas.

E dando-se a occasião de o poder fitar viu que se não enganara; porque elle alliava tão bella configuração do rosto com natureza tão affavel que este e não outrem devia dar o modelo para a sua tão predilecta imagem.

Dispersando-se o grupo foi Vinci seguindo o joven; e dirigindo-se a elle com um sorriso nos labios e a impressão no coração, lhe disse:

—Um momento, senhor.

—Em que posso eu ser-lhe util?

E a voz do cantor calou-lhe ainda mais suave e intimamente na alma que a primeira vez.

—Eu sou o pintor Vinci, tornou-lhe este, e busco para meu quadro da *Ceia* uma physionomia digna que sirva de modelo para eu poder re-

presentar o rosto do Senhor. Ora eu vim finalmente encontral-a no seu rosto. Digne-se, lh'o peço como grande favor, pol-a á disposição do meu pincel, para um fim tão alto.

—Mas, senhor! exclamou o joven.

—O! não me falte nisto, acrescentou o mestre.

O intento da minha proposta desculpa o atrevimento da petição, pelo que não se deve offender com isso.

—Não me offendo, nem posso, respondeu o cantor.

—Mas entretanto, não me auxilia no meu desejo? observou o grande artista.

—E' que, realmente, julgo-me indigno de dar modelo que sirva para imagem augusta de Jesus Christo, respondeu o joven enleado.

—Essa resposta, caro e amabilissimo joven, é mais uma prova da minha feliz escolha. E fazeis com isto uma boa acção, pois me ajudaes na pintura da principal figura do meu quadro; e, acabado elle, só com a vista do Redemptor se moverão muitos.

—Sendo assim, acrescentou o moço, não posso recusar-me a tão nobre intento.

—Muitissimo obrigado; e, terminou Vinci, qual é a sua graça?

—Chamo-me Pedro Bandinello.

Depois de algum tempo começou o rosto angelical do moço a apparecer como figura dominante e typo de celestial belleza na tela do inspirado pintor.

Passaram alguns meses; e o pintor era incançavel e applicado em levar adiante o seu quadro. A cada apostolo foi dando a sua phisionomia e character apropriado, desde S. João, terno e amabilissimo, até S. Pedro decidido e energico. Não descurou os mais delicados retoques no maravilhoso quadro.

\*\*\*

Faltava, porem, uma figura de destaque ainda ao quadro para o animar com os contrastes: faltava a figura de Judas o traidor, contrastando com a figura divinal de Jesus.

E não lhe deu esta menos trabalhos a encontrar. Physionomias de malfeitores e malvados não lhe faltavam; mas nao era facil encontrar uma para representar a de Judas com o seu requinte de perversidade.

Pensativo e preocupado com esta idéa, saiu uma tarde pela cidade eterna e juncto a uma fonte publica viu um homem de catadura extranha, que chamou attenção do seu genio de artista.

Os delineamentos tinham o cunho de uma inexplicavel depravação. Desgrenhados e intensos lhe caíram os cabellos até ás faces encovadas e estava a fronte enrugada e disforme, os seus olhos entorpecidos e vagos e de sua bocca parecia sahir um halito pestilente.

Leonardo Vinci aproximou-se daquelle ser disforme e encarando-o, disse consigo: *cá está uma cabeça de Judas*.

Mais quanta foi sua admiração e espanto, ao vir, antes de fallar-lhe, em som cavo e voz roufenha estas palavras.

—Ah! eis um velho conhecido! Andaes procurando, mestre, o modelo d'alguma cabeça?

—Como? ... Conheceis-me? replicou o pintor attonito.

Como não? Se já me tomastes a minha por modelo para a cabeça de Christo do quadro da Ceia?

E' possível! dizia consigo Leonardo.

—Então vós sois Pedro Bandinello, perguntou-lhe a medo.

—Esse mesmo, tornou-lhe elle descaradamente sem sombra de vergonha. Estou completamente transformado, não é verdade? proseguiu elle. Sim, sim, isto correu-me mal. Entrei numa sociedade de jogo e bebidas, e porisso perdi o logar de cantor. So tenho um tostão no bolso para matar a sede com aguaardente. Mas isto vae melhorar; vou ganhar sendo de novo modelo... não é verdade?

Leonardo Vinci hesitou algum logro. Percorreu os olhos sobre a physionomia do extranho mendigo e foi lhe examinando uma por uma as feições, e foi-se convencendo de que realmente estava enfrente de Pedro, o jovem angelical d'outrora. Alguns pequenos vestigios restavam ainda do seu nobre porte e peregrina gentileza; tudo o mais tinham os vicios e a bebida desfeito inteiramente.

O pintor sacudiu os membros, como para livrar-se de algum sonho ruim; com suas mãos de artista cubriu os olhos alguns instantes; mais não podia contemplar aquella horrída figura.

Mas como o mendigo o importunava, persuadido de lhe apanhar algum dinheiro, o artista voltando as costas, e em tom de commiserção, lhe disse:

—Siga-me. E' realmente um modelo para pintar a Judas.

Em 1449 estava em fim acabada a celebre Ceia de Vinci.

Não só os mestres e os affeiçoados á pintura religiosa volviã os olhos e o coração com admiração para aquelle primor artistico, senão tambem á outra gente arrebatava louvores e espanto. O seu nome corria de bocca em bocca: e confessavam todos possuir a humanidade mais uma obra do mais subido valor; e serem as figuras de Christo e de Judas um merito artistico incomparavel.

Na figura de Christo sobresaia a divindade, a consummada belleza e magestade, alliada a uma humildade e suavidade tão nobre que o espectador se sente tomado de profundo respeito e dum amor ternissimo.

Em contraposição com esta divina imagem avultava a do hediondo Judas, representando o typo mais acabado da perversidade e baixeza humana. Mais além, confessavam todos, não pode ir a arte e o genio dum pintor, a expressar com as tintas um tal monstro de ruindade.

Os traços da bocca, reveladores da malicia e crueza mais refinada, os labios perversamente contrahidos, os olhos espreitando a preza, os dedos prestes a lançar-se, cubiçando a bolça, preço de traição nefanda, todo o conjuncto; enfim, horroso e impressionante, revela vivamente o crime que espantou o mundo.

E estes dois modelos, de expressões tão oppostas e contrates tão encontrádos, tomados, comtudo do mesmo jovem e do mesmo rosto, deformado e desfigurado pelo vicio, e pelo alcoolismo! Licção grande e terrível...

HILARINO VEIRA

## O CALVARIO

Por entre terra e céo vejo suspenso,  
Como si fóra d'elles rejeitado,  
Aquelle que sem céo, terra, ao lado  
Do Pai, vive ab eterno, igual, immenso!

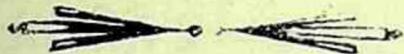
Oh! donde vens, Piloto, em mar inchado,  
Com rumo certo, em tempo frio e denso? !  
As vagas pingues de furor intenso,  
Não t'impediram o porto desejado? !

Ah! não! D'eternidade vens direito,  
Em teu roteiro, ao cimo do Calvario,  
Onde uma cruz achaste para leito! .

E assim cumpriste oh! Christo o teu fadario!...  
Depois de morto e tudo satisfeito,  
Deixaste o peito teu para sacrario!

Corrego d'Antas—Março—1916.

P.º Fr.º GOULART



## UM ABUSO A CORRIGIR

Entramos na Semana Santa. Quinta e sexta-feira os theatros vão alterar os seus programas, e as empresas cinematographicas retirarão dos cartazes os dramas de adulterio e as aventuras policiaes, para exhibirem scenas da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo. E' possível que o theatro lyrico abra as suas portas nesses dias, e faça representar um longo *film* sobre a Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo. Ora, já começa a inconveniencia de que em casas de prazer, na mesma tela onde se exhibem fitas immo-raes, os empresarios cinematographicos chamem freguezes á causa de cousas sagradas, explorando os sentimentos religiosos do povo durante os dias tristes da Semana Santa. Depois, a blasphemia de artistas, geralmente desbriados e sem pudor, arremedarem Nossa Senhora e Marta.

O *film* da casa *Pathé*—«Jesus e a Samaritana»—é indecoroso e ao mesmo tempo dum cynismo revoltante. Os catholicos estão na obrigação expressa de não pôrem os pés, nesse dia, em qualquer casa de espectaculos desse genero. Mesmo porque, durante a Semana Santa, um bom catholico não vai a festas.

## Condemnação da Igreja catholica pelos seetarios da impiedade

*Jesus autem tacebat.  
Math. XXVI. 63.*

**G**RATUITAS e enormes foram as acusações que falsas testemunhas lançaram contra Jesus: *Si não fosse malfeitor*, disseram, sendo que tudo fazia bem, *omnia bene fecit. Havemos achado este que perverte a nação*. Aquelle que sarava os leprosos, dava saude aos enfermos e mandava obedecer aos superiores, pervertia a nação? O temos achado que *prohibe dar o tributo ao Cesar*. Como! Si elle ordenava dar ao Cesar o que é de Cesar? E dizendo que *era Christo*, ou o *rei de Israel*: sendo que elle fugiu quando entendeu que o queriam proclamar rei.

A tão falsas calumnias Jesus oppoz um profundo silencio, porque conhecedor dos perversos designios dos malvados juizes de nada lhe teria servido a sua palavra de defesa.

Pediam elles, uma resposta, não porém para rectificar seus intentos, antes sim para surprehendel-o nas suas palavras e ter alguma apparencia de justiça no deicidio que planejavam e já resolveram.

Indignado o Pontifice com aquelle silencio e cheio de satânico orgulho, levantando-se, disse-lhe: *Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas si tu és o Christo, o Filho de Deus*.

Conjurar é obrigar ao juramento. Respondeu-lhe Jesus: *Tu o dissestes*. Antes calara, como porém agora estava de per meio a gloria de Deus e convinha revelar ao mundo uma verdade salvadora da humana linhagem, por isso é que responde: *Tu o dissestes*.

Escandalisado pharisaicamente Caiphás, rasga seus vestidos dizendo: *Blasphemou, para que precisamos ainda de testemunhas? Que vos parece?* Ao que elles responderam: *E' réu de morte*. A inveja e o rancor lhes inspiraram esta sentença.

Idêntico procedimento usa hoje a impiedade contra a Igreja Catholica e o Summo Pontifice, o Papa.

Condenada pelas seitas e singularmente pelas seitas secretas a desaparecer, accusam-na de haver-se enriquecido com os bens do povo, de entrometer-se no governo das nações, e de arrojarse uma auctoridade suprema de tudo independente da auctoridade civil.

Perante estas accusações arbitrarias, sabiamente calla a Igreja, visto como a sua palavra não seria attendida e por ventura provocaria mais os adversarios.

Mas quando estes a esconjuram a que diga si ella é a Igreja fundada por Jesus Christo, si de Deus recebeu a sua missão de adoutrinar a todas as gentes, si goza de plena auctoridade para julgar e punir os rebeldes; si a sua palavra é infallivel em materia de fé e costume, ah! então a imitação do seu divino Fundador e Mestre responde: *Vós o dissestes*: sou eu em verdade tudo isso que dizeis. A gloria de Deus e a verdade das minhas doutrinas me impõem o dever desta terminante declaração para salvação da humanidade.

Reune-se a synagoga dos tempos modernos e no seu tenaz empenho de combater a Igreja Catholica, pergunta o Pontifice da seita com palavras que manifestam a dor pungente e com accentos regados de imaginarias lagrimas: «Ouvistes que a Igreja Catholica affirma que foi fundada por Jesus Christo, e que della hão de aprender as nações todas da terra todas as verdades religiosas e a sã moral? Reparastes que se não dobra ás exigencias dos poderes da terra, nem quer transigir com a civilização do seculo, nem com as liberdades proclamadas pela revolução?»

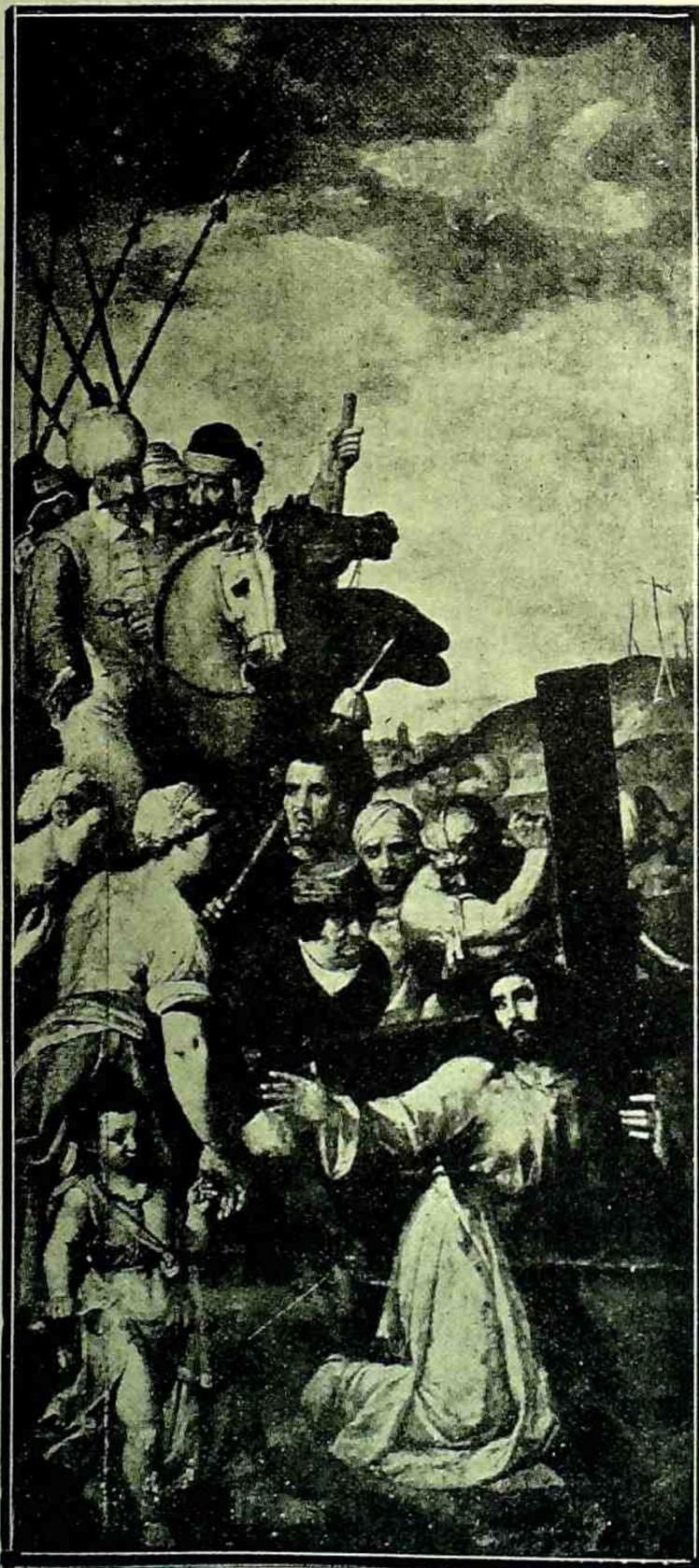


FLEVIT SUPER ILLAM. CHOROU SOBRE ELLA — QUADRO DE SIMONET

Os membros do Conciliabulo, possuidos do mesmo odio e rancor contra o Christo e sua Igreja, respondem : «Sim o sabemos. Sabemos tambem que quer dominar as intelligencias, dominando os vãos do pensamento, que não delinque ; impondo duro freio ás intelligencias para governal-as pelo terror, e mostrando-se contraria ás nossas instituições e condenando as nossas liberdades, que são a nossa melhor conquista e reivindicação dos direitos do homem.

Pois então, interroga de novo o pontifice : Visto que todos os sabeis, qué opinais que ha de se fazer dessa Igreja soberba, que se proclama soberana e quer impôr seu jugo á sociedade actual, remida das garras da inquisição pelos nossos esforços ?

Elles respondem a uma voz : «Extermine-mol-a da terra dos viventes e não haja mais memoria nem do seu nome.»



QUEDA DE JESUS

FLUTET - MUSEU DE SEVILHA

Nestes momentos a Igreja ergue sua voz supplicante a Deus com o propheta Jeremias e exclama : «Mas tu, oh Senhor dos exercitos, que julgas com justiça e examinas os corações e os affectos, veja eu a vingança que tomarás delles, pois nas tuas mãos entreguei a minha causa.»

Esta é a esperança da Igreja Catholica, por isso não teme as perseguições nem as insidias dos sectarios.

A aspiração unanime e constante dos inimigos da Igreja é que desapareça da face da terra e que não exerça por mais tempo a sua benefica influencia sobre as consciencias. Impere, disse o reinado da liberdade, tal e como nós a entendemos e queremos, isto é, sem freio que reprima as nossas mortaes aberrações, nem que sujeite as nossas impetuosas concupiscencias.

Desapareça esse código de moral christã contrario ás nossas obras, que nos impede a posse daquella parte de bens que ambicionamos e venha já a igualdade mais absoluta.

A Igreja e ré de morte, porque quer para o proprietario a posse de seus legitimos bens e não

---

## NO CALVARIO

O lendario jardim das oliveiras dera  
Começo a essa tragedia em dôr jamais vencida,  
Doce como o luar da doce primavera  
E triste como o adeus da eterna despedida.

O divino Cordeiro immaculado e puro,  
O candido Jesus, o santo missionario,  
Para o homem remir do seu peccado escuro  
Serenamente augusto ascende ao seu calvario ...

E em sua branca face a lagrima bendita  
Treme como o orvalho em calix de açucena ;  
O orvalho secca o sol na flor em que palpita,  
E o pranto de Jesus enxuga Magdalena !

Ai! enxuga-o na trança, em sua trança loira  
E a lagrima lhe cahe dos olhos, triste e mansa,  
Mas seu placido olhar a lagrima redoira  
Com aurora de fé, com raios de esperança.

E a multidão feroz, indomita, bravia,  
Apupa-lhe, em redor, o pranto amargurado ;  
Mas ai! o triste vê no pranto de Maria  
Um consolo do céo, um premio abençoado.

.....

E infrene, desbragada, estúpida, hedionda,  
A orda collossal dos réprobos maldictos  
Folga, dança, sorri, da infamia sobre a onda,  
Por entre phrases vis e delirantes gritos,

Emquanto Christo, o Rei de toda a Humanidade,  
Expira numa cruz erguida sobre um monte ...  
Mas paira-lhe inda aos labios um sorriso de bondade  
E uma aureola de luz na scismadora fronte ...

LEONCIO CORREIA

nos ajuda a escalar os soberbos palacios que nos promete o tempo futuro.

Pois si a Igreja é ré de morte, porque ama a justiça e aborrece a iniquidade, sabei que nisto está o seu maior elogio, e é o que mais lhe assemelha ao seu divino Mestre e Fundador. Como este soffrerá paixão injusta e horrivel; porém sabei quo não morrerá, é immortal, as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Passará a tempestade e a Igreja se levantará com nova e vigorosa força e dirá aos seus perseguidores: Vós descereis ao sepulchro humilhados e confusos como desceram Herodes, Pilatos, Caiphás, Anás, Nero, Deocleciano, Decio, Juliano e todos os outros perseguidores; vós descereis ao sepulchro como desceram Arrio, Nestorio, Lutero, Zuinglio, todos os outros herejes; vós descereis ao sepulchro como desceram Voltaire, Rousseau, Montalambert, Robespierre e outros; e eu continuarei a minha civilizadora missão e salvarei a sociedade da barbaria creada pelas liberdades de perdição, como Jesus Christo salvou a humanidade inteira e ainda vive e vence e impera. *Jesus Christus vivit, vincit, imperat.*

IGNOTO

## O peccado christão

**N**ADA custou ao Senhor a obra magnifica da criação, antes Lhe era de summa delicia vêr sahir aquellas maravilhas á cada *fiat* seu, e cada uma dellas felicitava-se e como que dava-se os parabens com infinita complacencia, vendo-as tão agradaveis e formosas, como um reflexo de sua essencial belleza e bondade, do mesmo modo que um pai contempla em seus filhos os traços principaes de sua physionomia.

A Redempção, no entanto, foi muito diversa, porque custou muitissimo; agonias, suores, cansaço, quedas, açoutes, e morte de cruz.

Para refazer a obra que creara, com tanta delicia de seu amoroso Coração, teve que passar por tremendos tormentos, e em vez d'aquelles reflexos de belleza e bondade que Elle tinha derramado em suas creaturas, teve que supportar de receber em seu divino rosto a fealdade e o horror do peccado, produzido pela maldade dos homens.

Já não era mais o—*vidit quod esset bonum*—mas toda a criação contemplava á Elle como *opprobrio dos homens e abjecção da plebe*.

Como reprobado do genero humano, como maldito por Deus Padre, (*factus pro nobis maledictum*) subio ao santo cruceiro, para restituir ao verdadeiro reprobado e ao legitimo maldito, que era o homem, a justificação e a benção perdidas.

Aleçou essa benção para Sua Igreja san-

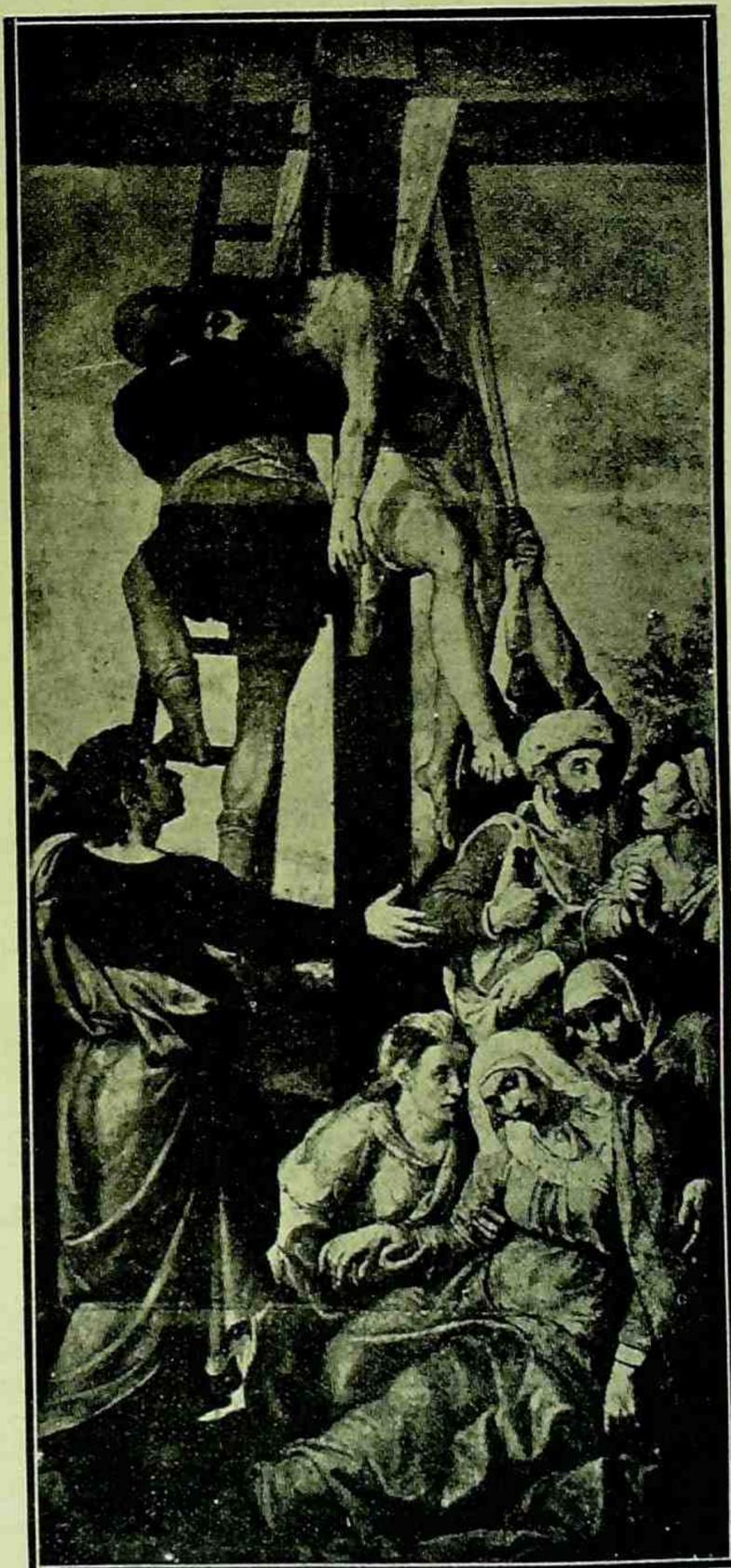
ta, que deixou sobre a terra, com sua propria authoridade de Redemptor.

Oh! grandeza de amor! oh! verdadeiras loucuras de generosidades.

O christão é um homem que sabe essas cousas, que as reconhece, aceita, e usufrue; que prometteu por ellas, á seu Salvador, perpetua gratidão e fedelidade.

Com a obrigação d'essa fidelidade entrou em Sua Igreja e recebeu o selo de sua nova descendencia.

O homem já não é somente uma creatura e obra das mãos de Deus, mas, além d'isso, é filho do Sangue de Deus, por Elle regenerado, elevado á mais nobre condição que jamais possuiu, e destinado á altissima gerarchia.



O DESCENDIMENTO DA CRUZ  
FLUTET - MUSEU DE SEVILHA

O que faz o homem, pelo peccado?

Rasga e calca aos pés essa carta de liberdade escrita com o Sangue divino; paga com grosseiro ultraje o sacrificio immenso d'esse mesmo precioso Sangue derramado para sua salvação; volta as costas a seu Divino Libertador para agasalhar e comprazer a seu eterno inimigo.

E' um parricida com as circumstancias aggravantes d'esse enorme crime.

Não se limita a repellir a mão, que do alto do céo, se estende piedosa para levantá-lo do lodo de sua miseria; esgarra, infama e fere essa mesma divina mão.

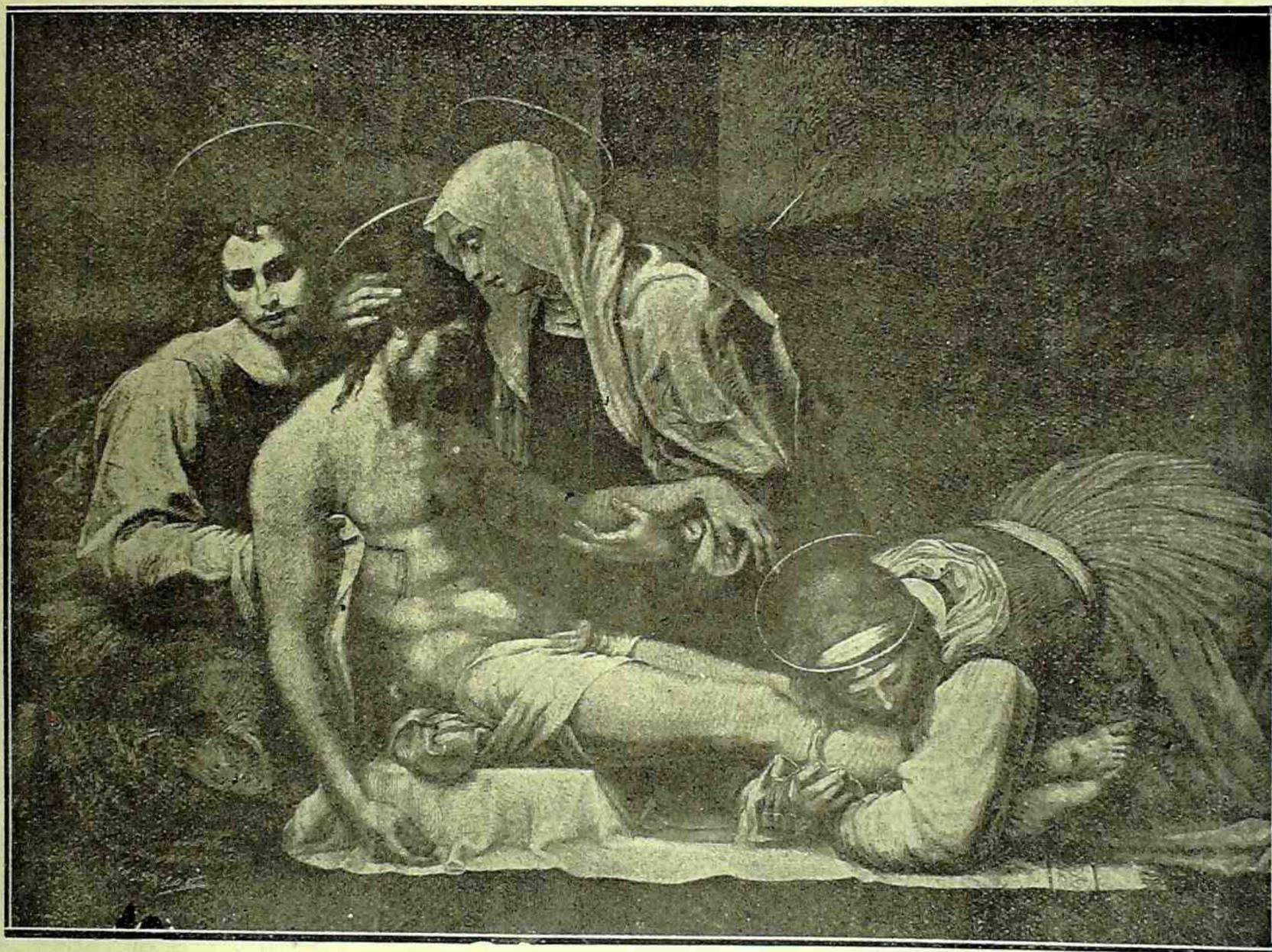
Além de desconhecer o beneficio levanta-se

Não sei se algum dia já houve quem se chafurdasse tanto n'esse abysmo de horror que encerra o peccado christão, o peccado contra a Redempção.

Creio perfeitamente que jamais houve entendimento de anjo ou de homem que pudesse vislumbrar todas suas profundezas.

Do mesmo modo que são immensas e infinitas a altura, largura e profundidade do amor divino realizando esse mysterio, assim são igualmente infinitas a altitude, profundidade e abysmo do crime, do peccado christão.

Haverá ainda quem duvide da existencia do inferno?



N. SRA. DA PIEDADE FREI BARTHOLOMEU - GALERIA PETTI FLORENÇA

contra o Bemfeitor; não só nega a divindade, mas blasphema e apostropha o divino Creador, como o faria com algum tyranno e ladrão, que reclamasse o que não lhe pertence.

Ao accento dulcissimo que da cruz faz-se ouvir: «Meu filho!» elle responde enraivecido, com furor satânico: «Não, não te reconheço como Pai!

Ao amoroso chamamento de—*Irmão!* responde com impia careta:

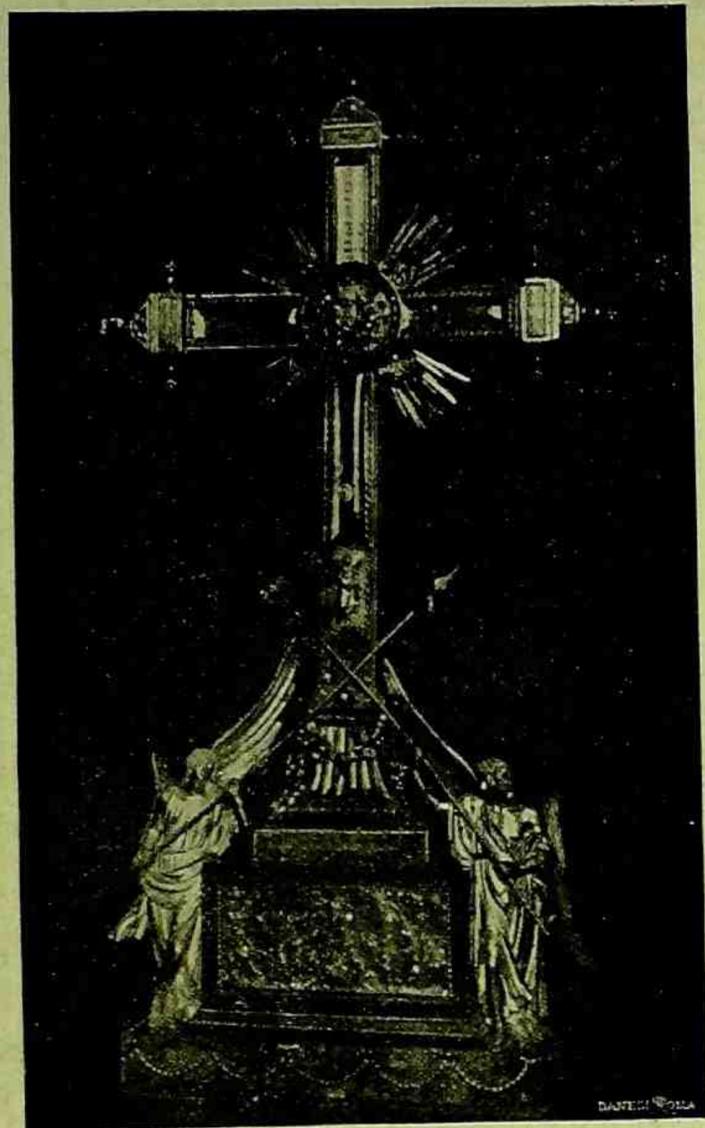
Nada; meu irmão verdadeiro é o inimigo de Christo!

Parece-me que, quando mesmo Deus Nosso Senhor não tivesse affirmado que existe realmente, só pelo facto de um christão commetter o peccado mortal, torna-se necessaria a existencia do inferno.

Por isso nos diz o Evangelho que a Cruz, a ensanguentada e dolorosa Cruz, apparecerá no dia do juizo, á vista de todos os homens, como sello da sentença dos bons e dos máos, que o justo Juiz então dará.

(Continúa)

DR. F. S.



OS TRES PEDAÇOS DA VERDADEIRA  
CRUZ DE N. S. J. C. QUE  
VENERAM-SE NA IGREJA STA.  
CRUZ DE JERUSALEM



PARTE DA INSCRIPÇÃO DA VERDA-  
DEIRA CRUZ DE N. S. J. C.  
QUE VENERA-SE NA IGREJA DE  
STA. CRUZ DE JERUSALEM

## PARA ELLES

### Terrivel expiação

**P**OUCO depois da revolução franceza, entrou um sacerdote nas salas de um hospital e ahí se acercou de um enfermo, que, sumido em pobre leito, desfructava, segundo parecia, de paz e até de alegria.

— Parece que ides bem, lhe disse o sacerdote. Qual é vossa enfermidade?

— Oh! feridas mui graves, respondeu o paciente.

— Estareis em breve curado sem duvida, porque assim o presinto em vossa calma.

O pobre enfermo se poz a sorrir e disse:

— Admire e levante um pouco o lençol.

O sacerdote levantou o lençol e estremeceu ao ver que ao enfermo faltavam os dois braços.

— O que? Vos espantais de tão pouca coisa? Levante o lençol um pouco mais.

Assim o fez o sacerdote. Ao infeliz tambem faltaram as duas pernas.

— Oh! exclamou o sacerdote, como vos lastimo.

— Ter de mim piedade!? mui merecidamente soffro. Assim tratei, e a estado semelhante reduzi uma imagem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Um dia meus camaradas e eu encontramos no caminho uma imagem de Jesus crucificado e resolvemos della zombar e mofar. Animado pelas imprecações de meus companheiros, quiz excedellos; subi á Cruz, como pude, arranquei da sagrada imagem os braços e as pernas, e o tronco cahiu por terra.

Pouco tempo depois entramos em fogo. A' primeira descarga do inimigo fiquei ferido de tal forma que para se me salvar a vida foi preciso cortar os braços e as pernas. Fiquei reduzido ao estado em que me vedes. Assim Deus castigou meu sacrilego ultrage e confio que me concederá expiar o meu crime neste mundo para conceder-me o perdão na outra vida.



# A JESUS CRUCIFICADO

Moderato Solo

LAMBILLOTE



Que co - ra - ção tão du - ro, que von - ta - de Tão secc' e



des - hu - ma - na pó - de ser, Que negu'ás vos - sas dô - res, pi - e



da - de ! O bom Je - sus quem vos pu - de - ra ver Cra - va - do



n'es - sa cruz ond' ex - pi - ras - tes, Sem pi - e - do - sas la - gri - mas ver -



ter ? Dai-me, Je - sus, cho - rar o qu'ex - pi - as - tes, Os cr - ros

Côro F



meus que Vos fa - zem mor - rer ! O' Rei dos Reis a - qui, on - de Vos ve - jo,

*pp*

*F*



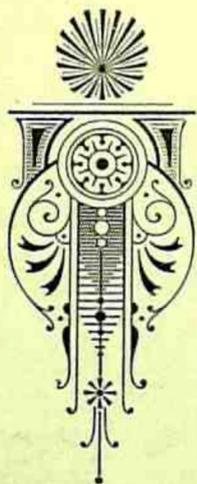
Que n'u - ma cruz mor - reis por meu a - mor : Por vos a - qui d'a



mor mor - rer de - se - jo : *P* Qu'eu marr' a - qui, por Vós, meu Redemptor

Ai de mim ! que na culpa me detinha  
Tão longe de Vós, ó meu bom Jesus !  
Andava cego, e luz buscar não vinha,  
Não vinha Vos buscar, divina Luz !  
Que tanto tempo ha, que vós m'esperastes  
Com vossos braços abertos na cruz !  
O sangue que por mim Vós derramastes,  
A vossos pés agora me conduz.

O' resplendor divino, ó Formosura  
Dos anjos, Luz do sol, eu Vos cobri  
N'essa cruz, onde estais, de sombra escura:  
Eu Vos crucifiquei ! Eu Vos vendi !  
Eu Vos neguei já não tres, mas mil vezes!  
Eu fui o qu'esse lado Vos abri !  
Eu fui o qu'o calis d'amargosas fezes  
Vos dei !... Senhor, o que não commetti ?



O' Redemptor da vida, ó espera nça  
D'um peccador de Vós tão esquecido,  
De piedade usai, não de vingança,  
Que para Vós já volto arrependido.  
Senhor, sem quem de mim nada confio,  
O pranto vos me dai, Vós acendei,  
Em vosso ardente amor, meu amor frio;  
De mim, por quem Vós sois, me defendei.

E' tempo de chorar tempos perdidos,  
E' tempo de sentir que Vós perdia  
A valdades mil dando os sentidos ;  
E seus enganos falsos não sentia.  
Emfim, meu bom Jesus, summa Bondade,  
A vossos pés me rendo offerecido  
A tudo quanto fôr vossa vontade :  
Se me desamparais, eis-me perdido.

Extr. de Diogo Bernardes.

## O maior inimigo do homem

Estar sujeito a Deus, é o destino do homem que encerra ao mesmo tempo toda a sua grandeza. Vive no coração d'elle a inclinação de ser senhor; quer senhorear o seu igual e chega a ter a mesma velleidade para com Deus.

A soberba é a fonte dos peiores erros. S. Agostinho diz haver homens que, por orgulho, falam semsaboria. Um autor moderno diz que a historia de um dos systemas philosophicos, modernamente mais em voga, é a demonstração da possibilidade dessa demencia orgulhosa que inspirou o Lucifer a vontade de se igualar a Deus. Facto é que os chefes da philosophia deschristianisada se assacam uns aos outros loucura e cousas peiores.

O soberbo não pode ser feliz. Pois feliz só é quem se contenta com os bens que lhe cabem. O orgulhoso, porém, compara o seu com o de outros, julgando o seu mesquinho e vil e almejando os bens de outrem. S. Agostinho tem razão, dizendo: E' grande miseria o homem soberbo.

O orgulho se oppõe á virtude da humildade. E' a virtude pela qual conhecemos o nosso verdadeiro valor, sem querermos nem ser, nem parecer mais, sujeitando-nos de boamente ás ordenações de Deus.

Quem és então que julgas poder desprezar a vontade de Deus? O que és comparado com outros homens? Aponta tudo que julgas ter de grandeza e poder: augmenta-o quanto quizeres: possues qualidades corporaes? Outros não as têm? Dinheiro e reputação? Out os não? Saber e virtude? Outros não?

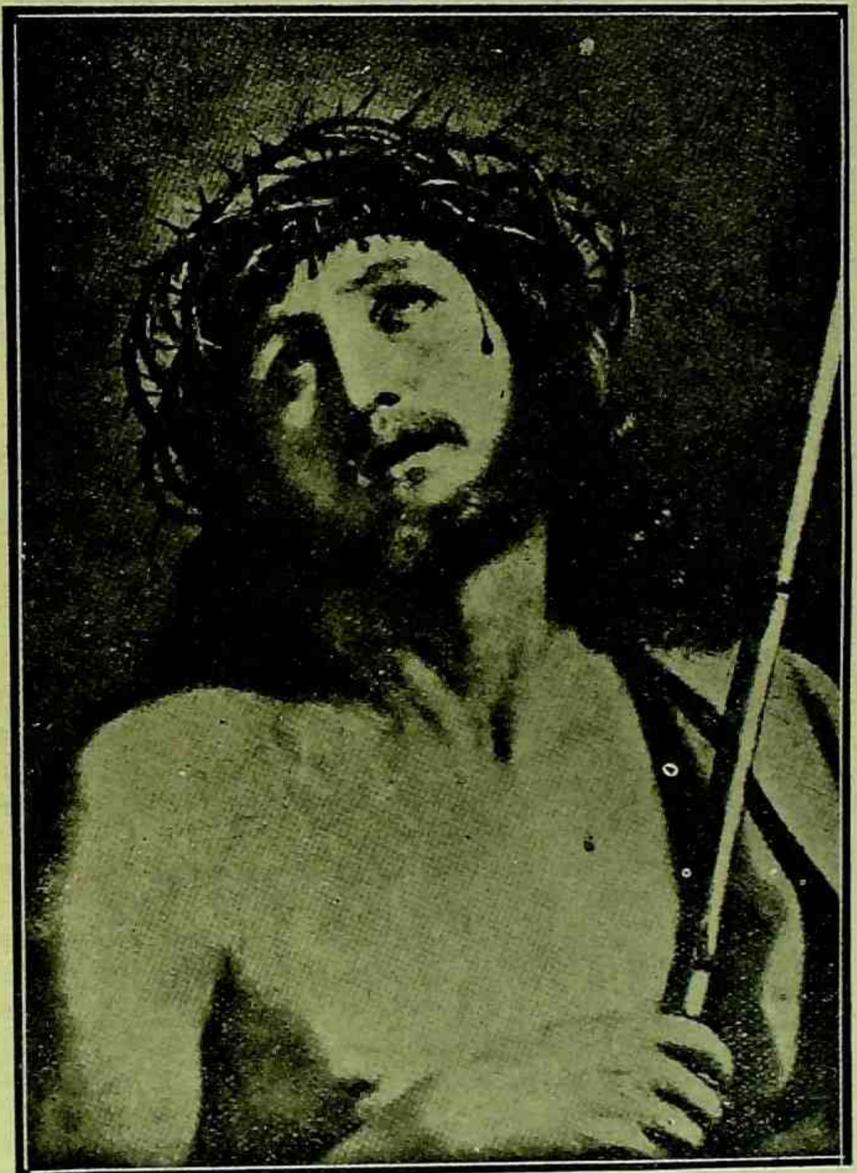
O que és no mundo? Em quantas partes és conhecido? Já na pequena esphera em que vives ha outros que te levam a dianteira em mais de um respeito, ha quem te vença e ponha na sombra.

O que é tua intelligencia, teu poder e agir comparado com a humanidade inteira? Morres e, em breve, só poucos conhecem o lugar em que os teus ossos se desmoronam. A flôr do campo onde foi que desabrochou? A nuvenzinha, a onde foi? A onda no ribeiro não deixa vestigio de si. Apanha uma gotta que cahiu no mar, procura um grão de areia á beira-mar.

E si ajuntarmos todas as grandezas terrestres para as compararmos com o mundo do espirito, o que é então o nosso planeta com todos os seus habitantes? E os homens junto com os anjos o que são perante a magestade infinita de Deus?

O homenzinho quer levantar-se contra Deus. Donde vem? Aonde vae? Veja o berço e o tumulto. Quantas virtudes tem? A que altura de santidade subiu? Temos pouca confiança nas proprias virtudes que julgamos ter. Si as temos como então afeiadas por defeitos e falhas! O que é a nossa vontade? Assusta-se diante da primei-

ra difficuldade. O que é a nossa intelligencia? Tantos annos estudamos e quão pouco é que sabemos! Cortemos nos productos do nosso espirito e nas nossas phrases tudo que emprestamos de outros: o que ficará? O que somos, segundo o nosso ser corporal? Debilidade e baixeza; julgamo-nos reis na nossa miseria. Nada somos de nós na ordem da natureza; menos do que nada na ordem da virtude por causa de nossos peccados.



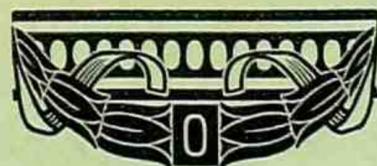
ECCE HOMO



Nada é mais capaz de estabelecer a humildade no nosso coração, do que a lembrança dos peccados commettidos. Pensadores christãos defendem que Deus não impede os peccados tambem por e-te motivo que o homem lembrado de seus peccados ache um estimulo da humildade.

Não te devias envergonhar corando até a raiz dos cabellos, si este ou aquelle conhecesse todos os teus pensamentos, desejos, palavras e obras? Como te deves, portanto, humilhar perante Deus que conhece até ao fundo toda a tua miseria?

COSTA



## A maçonaria na guerra

Do «Estado de S. Paulo» extrahimos :

A maçonaria Portugueza, que papel tão importante representa na vida politica do seu paiz, manifestou-se ha tempo em favor dos alliados, especialmente da Italia, como consta da seguinte prancha enviada pelo grão-mestre do Oriente Lusitano ao grão-mestre da Italia :

Or.: de Lisboa, 8 de Outubro de 1915—Ao Pod.: Ir.: Ettore Ferrari 33.: — Grão-mestre da Maçonaria Italiana — Poderosissimo Irmão e illustre amigo — Nesta hora tragica da historia é necessario que, não só os individuos como as instituições e as nacionalidades se definam, tomando posição. Hesitações não são admissiveis e, se as houver, ellas constituirão symptomas de cobardia. Pela liberdade ou contra a liberdade ! Pela justiça ou contra a justiça ! Pela liberdade ou pela civilisação ! Eis a palavra de ordem.

Devemos afirmar-vos que nós nos mantemos

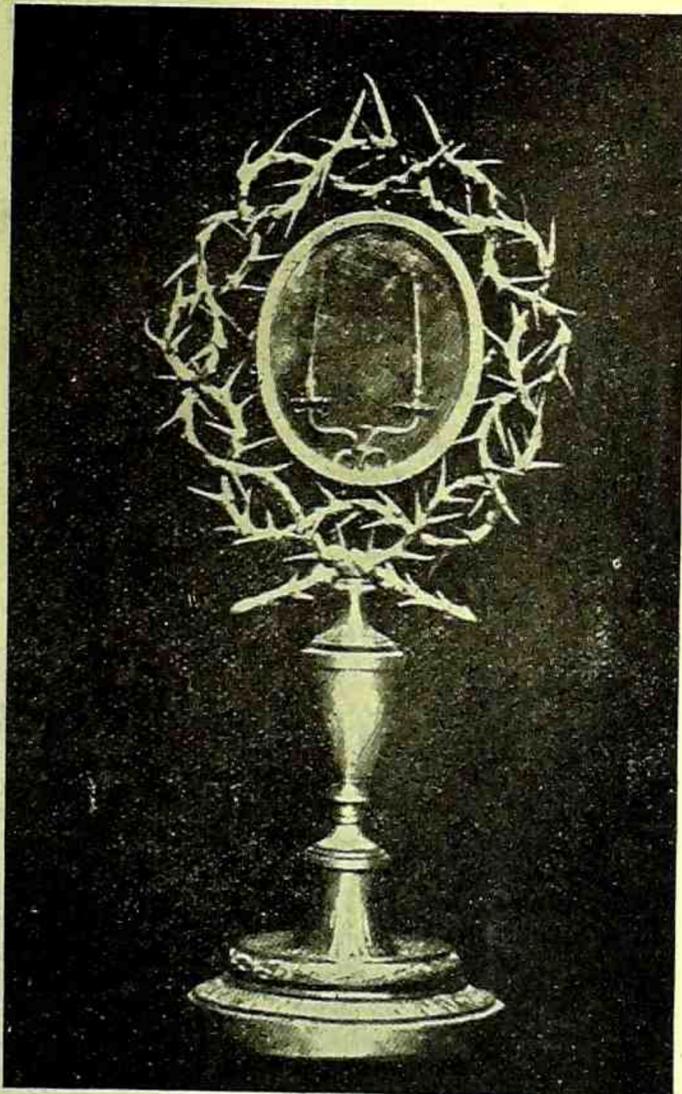
em nosso posto. A Maçonaria Portugueza, solidaria com as nações alliadas e para cuja victoria proxima faz os mais ardentes votos, está, do coração, ao lado da sua mais velha irman latina. Do extremo occidente da Europa, ella envia cordeaes saudações a todos os irmãos que, tão valerosamente, combatem nos Alpes e ás portas de Trento e Trieste. A Italia triumphará ! Viva a Italia !

Acceitae, poderoso irmão e illustre amigo, o solemne testemunho da nossa franca solidariedade á vossa causa que é tambem a nossa.»

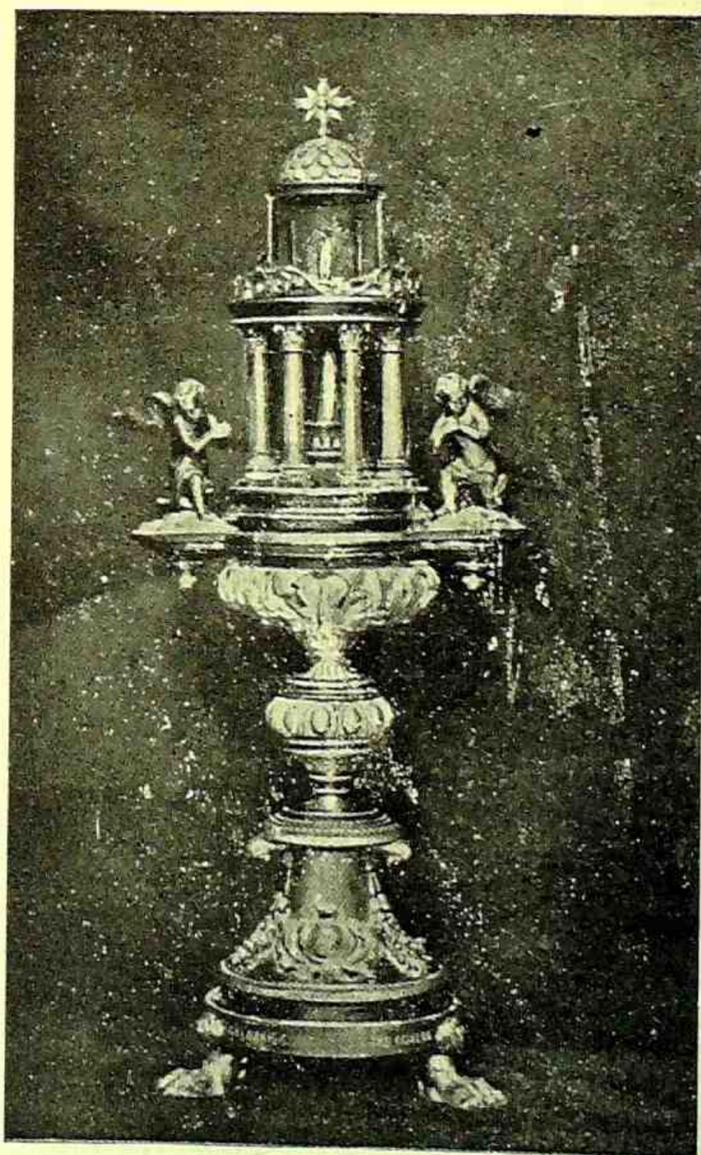
Respondeu o grão-mestre da Maçonaria Italiana :

“Or.: de Roma, 9 de Novembro de 1915 — E.: V.: — Ao serenissimo Grande Oriente Lusitano Unido-Lisboa—Illustre e poderosissimo grão-mestre — Egregios e carissimos irmãos — A declaração de fraternal solidariedade expressa na vossa presada prancha de 8 de Outubro passado, ecoou, profunda e intimamente, em nossos corações de italianos e de maçons.

Empunhando as armas, pela vontade unanime do povo e no intento de reinvincar as suas na-



DOIS ESPINHOS DA S. COROA DE N.  
S. J. C. QUE VENERA-SE NA  
IGREJA DE STA.  
CRUZ DE JERUSALEM



UM DOS PREGOS DA PAIXÃO DE N.  
S. J. C. QUE VENERA-SE NA  
IGREJA DE STA.  
CRUZ DE JERUSALEM

turaes fronteiras e assegurar o triumpho do direito de nacionalidade na Europa, a Italia teve e tem consciencia de realisar não só uma obra que lhe é imposta pelos seus interesses mais vitaes, como tambem de contribuir para o bem estar da humanidade inteira, destruindo, para sempre, os obstaculos que ainda embargam o fatal progredir da liberdade e da civilisação.

A Maçonaria Italiana que, com o sangue de seus irmãos, escreve hoje novas paginas gloriosas no livro da sua historia, eleva o seu grato pensamento ás familias maçonicas que como a portugueza, mostram bem comprehender as supremas necessidades desta hora em que se procura consolidar os melhores destinos da humanidade, e a sua solidariedade traz maior conforto para perseverar na grande obra emprehendida e mais risinhos auspicios de uma certa e completa victoria.

Recebi, illustre e poderoso grão mestre e carissimos irmãos, a expressão do nosso agradecimento e os nossos mais affectuosos e fraternaes cumprimentos.»

«Vem, portanto, a proposito a seguinte moção votada domingo passado pela Assembléa dos Maçons adherentes ao Comité de agitação maçonica, do qual fazem parte todos os maçons pertencentes ás nações alliadas, que, por dignidade nacional, não entendem ficar debaixo da presidencia de um allemão.

Os maçons paulistanos adherentes ao Comité de Agitação Maçonica, reunidos em grande assembléa no dia 12 de Março;

considerando que a Maçonaria Portugueza por prancha inspirada nos mais elevados sentimentos de dignidade maçonaria hypothecou o seu apoio á Maçonaria Italiana e aos demais Orientes das Nações Alliadas;

Regosijam-se hoje pela entrada na guerra da gloriosa nação portugueza ao lado daquelles que combatem em defesa da justiça e da liberdade; e fazem votos para que todos os maçons portuguezes estabelecidos no Brasil se unam ao comité de agitação maçonica, contra a imposição e a prepotencia alleman que se esforça por dominar a Maçonaria brasileira, tornando-se vassalla da Allemanha.

Sabemos que esta moção foi communicada ao sr. Ferreira Junior, secretario do comité portuguez «Pro-Patria», e que produziu profunda impressão entre as numerosas fileiras dos maçons portuguezes e que em reuniões prévias já foi deliberada a adhesão dos portuguezes a este movimento».

A maçonaria tem ou não, leitores, influencia na actual conflagração?

Ella procura ou não realisar os seus ideaes?

De que lado, nesse tremendo conflicto mundial, estará a causa da Igreja? Alerta! srs. catholicos!



## Favores do Coração de Maria

E DO VENERAVEL PADRE CLARET

S. PAULO — Ubaldina de Campos: Ardentemente agradeço o feliz resultado da operação a que se submetteu meu afilhado José Calasans de Campos. — Maria Henriqueta da Silva Mello: Achando-me em transe muito afflictivo, recorri ao maternal Coração de Maria e obtive o prompto allivio da minha afflictão. — Ernestina Victor Motta: Confesso-me muito reconhecida por duas graças recebidas. — Eliza Lima: Agradecida por muitos favores recebidos e por que as minhas filhas foram bem succedidas nas operações a que se submetteram, mando celebrar missas e accender velas no altar do I. Coração de Maria. — Georgina de Andrade: Por uma importante graça que recebi, mando uma assignatura e mando celebrar uma missa no altar do I. Coração de Maria. — Ormisinda dos Santos: Confesso-me muito grata por um favor recebido.

SANTA IZABEL — Francisco José de Moraes: Tendo eu e minha dilecta filha Judith sarado de diversos incommodos por intercessão do I. Coração de Maria, vimos patentear a nossa enorme gratidão.

CAMPINAS — Cesira Lucchesi: Obtive do I. Coração de Maria por intermedio de S. Geraldo um favor particular para meu filho e agradecida dou 1\$000 para o culto desse Santuario.

WENCESLAU BRAZ — Gabriella dos Reis Nogueira: Envio 3\$000 recommendando a celebração du-

ma missa por alma do meu saudoso irmão Cel. Lindorf dos Reis Nogueira.

VESPASIANO — José Salomão: Grato por ter sarado duma febre maligna, envio 1\$000 para accender velas aos pés do Coração de Maria.



S. PAULO — O Sr. David Goulart e sua esposa offerecem o retrato de sua filha Maria de Lourdes, em cumprimento de um voto ao purissimo Coração de Maria.

BELLORIZONTE — A. Ribeiro: Agradecendo dois favores recebidos, envio 1\$000 para a devida publicação.

JUNDIAHY — Jandyra da C. Campos: Muito grata por um favor que obtive, envio 3\$000 para uma missa e 1\$000 para accender uma vela no altar do Coração de Maria.

PRUDENTE DE MORAES — João de Oliveira: Remetto 15\$000 para trez assignaturas que outras tan-

tas pessoas tomam em reconhecimento de favores recebidos.

**PIRACICABA** — Irenéu da Silveira: Uma assignante remette 20\$000 para o Santuario de Meyer. — Maria Osorio Rodrigues: Cheia de gratidão a S. José por ter-me alcançado a graça de sarar dum rheumatismo agudo, envio \$500 para accender uma vela no seu altar.

**ITAJUBA'** — Luiza B. Miranda: D. Anna de Jesus Lima dá 3\$000 para ser dita uma missa em suffragio das almas do purgatorio. Uma devota agradece um favor que recebeu pela novena das «Trez Ave Maria» e dá 1\$000 para esta publicação. — Joselina de Oliveira, Filha de Maria, vem, penhoradissima agradecer os seguintes favores: O ver-se livre de morrer em peccado mortá, o ter realizado feliz viagem, mercê á intervenção do Coração de Maria, e mais outras graças. Envia 1\$000 para ser feita esta publicação.

**TIETE'** — Joaquim de Paula: A minha senhora, Thereza de Paula Camargo, em agradecimento dum favor que recebeu, dá 2\$000 para velas que devem arder no altar do Coração de Maria.

**BATATAES** — J. P. Arantes: D. Maria de Rosa Almeida muito agradece o ver fóra duma grave enfermidade sua filhinha Helena, e envia 1\$000 para uma vela e 1\$000 para esta publicação.

**CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM** — Julia Rosaes da Silveira: Por favores recebidos, muito agradecida, dou 1\$000 para velas. — Maria José Gomes Lyrio: Confesso ter visto uma pessoa da familia restabelecida duma molestia grave, fazendo continuamente tres novenas das «Trez Ave Maria».

**VILLA DO ALEGRE** — Narcisa Maria: Grata ao bondoso Coração de Maria, faço rezar uma missa. — O sr. Camillo Gonzalez, agradecendo os favores já recebidos, encommenda a celebração duma missa pedindo pela felicidade futura da familia.

**VICTORIA** — O illmo. sr. Antonio Boaventura Campos e seus collegas, agradecidos por se verem livres duma epidemia, mandam celebrar uma missa. — D. Margarida Fraga, em agradecimento de ver restabelecido seu filho e implorando novos favores, faz celebrar duas missas e entrega uma esmola para a prompta beatificação do V. Padre Claret e Santuario de Meyer.

**SANTA LUZIA DO CARANGOLA** — Rosa Maria Rossi: Penhorada por favores que recebi de minha celestial Mãe, dou 5\$000 para uma missa e velas. — D. Anna Rocco Rossi, dá 6\$000 para ser dita uma missa por alma de Luzia Foresca e outra pela de Rosario Rocco, e 1\$000 para velas. — Maria José Bayão: Tendo, minha filhinha Maria da Conceição, sarado duma contracção de perna por intermedio do valimento de S. Geraldo, gostosa cumpro a promessa de mandar dizer uma missa em honra do mesmo.

**SALTINHO** — Ricardo Mendes de Almeida: Cumprindo promessa que fiz e agradecendo favores que obtive, venho reformar a minha assignatura da «Ave Maria.»

**VENTANIA DE PASSOS** — Rita Candida de Faria: Remetto 9\$000 afim de celebrarem uma missa ao Divino Espirito Santo e duas para as almas do purgatorio, e 1\$000 para compra de velas.

**FRANCA** — O illmo. sr. Alexandre da Silveira Pithon e a exma. sra. d. Auta de Araujo Pithon, veem, penhoradissimos, agradecer o nascimento de sua filha Mariseti.

**ARAUCARIA** — Um devoto: Remetto 2\$000 para o culto do Coração de Maria por varios favores recebidos.

**ALEGRETE** — O sr. Claudino de Almeida, reconhecido por ter sido attendido com a saude duma pessoa doente, toma uma assignatura da «Ave Maria.»

**FORMIGA** — Maria da Conceição de Castro Amante: Reconhecida por me ver favorecida com o suspirado restabelecimento de minha tia Amelia de Castro Ribeiro, dou 3\$000 para uma missa em honra do Coração de Maria e 1\$000 para velas.

**SALINAS DA MARGARIDA** — João dos Santos Nogueira: Por uma graça particular que recebi, dou 3\$000 para ser dita uma missa em louvor do Coração de Maria.

## Manto de Dôres

Tambem os nossos olhos, enchem-se de pranto.  
Tambem as nossas almas gemem doloridas,  
Soffrendo como vós as Dores das feridas  
Abertas em Jesus no lenho sacrosanto!

As lagrimas de amor por nosso bem vertidas  
Em toda a vossa vida, até ao calvario santo  
Revivem nas estrellas rútilas do manto  
Que envolve as vossas faces martyres e lividas!

Bem dita sois entre as mulheres, Mãe de Deus,  
Que resplendeis na terra e resplendeis nos Ceus,  
Em fulgida eclosão de canticos e flores!

Que o vosso manto azul, immaculo e sagrado,  
Nos seja na existencia o ponto illuminado,  
Que lembra á christandade as vossas grandes dores!

Abril 1916

LELLIS VIEIRA



## Dinheiro de S. Pedro

Somma anterior	826\$400
<b>Donativos semanaes</b>	
Missa do Sabbado	3\$400
Caixa da Egreja	4\$000
Administração da «Ave Maria»	\$500
Missionarios do Coração de Maria, S. Paulo	\$500
Missionarios de Corityba	1\$000
Cathecismo de Meyer	1\$000
Santuario de Meyer — Rio	1\$000
Conferencia S. Vicente de Paulo — Egreja das Dores — Porto Alegre	1\$000
Total	838\$800

## SOLEDADE

Vejo ao longe, de volta do Calvario,  
Um vulto magestoso, reverente,  
Estatua de afflicção, languidamente,  
Envolvida n'um manto funerario.

Tem os olhos no Céu. No itinerario  
Vai contando do Filho padecente  
Os passos que Elle deu... e dôr pungente  
Invade de sua alma o santuario.

Tem o peito partido, traspassado  
Pela espada cruenta da amargura  
Que sangra o coração despedaçado...

E' Maria, chorando o Bem-amado,  
A mulher Forte, a santa creatura,  
Mãe do Morto Senhor—Crucificado.

MARIA LUCILLA

# Collegio "São Marcello"

INTERNATO E EXTERNATO

227 -- Rua Marquez de Abrantes -- 227

RIO DE JANEIRO

O fim que se propõem as Religiosas E. Conceptionistas do Sagrado Coração de Jesus, é offerrecer aos pais de familia os meios de dar ás suas filhas uma educação profundamente religiosa, ensinar-lhes a pratica dos deveres que ella impõe, formar os corações para as virtudes christãs, preparando-as emfim para todos os deveres que as esperam no mundo, como filha, esposa, ou mãe christã, segundo o estado a que Deus as destina e ordenando-lhes o espirito de conhecimentos uteis, instruindo-as em todos os ramos do ensino, que hoje exige a boa sociedade.

O regimem interno da casa é inteiramente maternal.

Será grande o cuidado em tudo o que póde concorrer para conservar a saude das meninas, o asseio, a ordem, uma alimentação sadia, abundante e variada; ellas terão toda a vigilancia, toda a solicitude que póde desejar a ternura maternal.

## CONDIÇÕES PARA A ADMISSÃO

A menina deve ser de uma familia honrada. Exige-se a apresentação de certidão de baptismo e attestado de vaccina.

Nos casos de ligeira indisposição dispensar-seão assiduos cuidados.

Em caso de molestia grave serão avisados os pais e tomar-se-ão as medidas necessarias a juizo do medico e da Superiora.

## PENSÃO

O preço annual será de 1.000\$000 pagos em tres prestações adiantadas: a 1 de Fevereiro 400\$000; 1 de Julho 300\$000; 1 de Setembro 300\$000.

Na entrada pagará cada alumna a joia de 50\$000 para uso da mobilia escolar, cama, etc.

Os paes poderão se encarregar da lavagem da roupa. Não querendo, o estabelecimento o fará mediante a quantia de 15\$000 por mez.

As alumnas que forem obrigadas a ficar no Collegio durante as férias, pagarão 90\$000 mensaes.

O estabelecimento fornecera livros escolares pelo preço das livrarias.

Será comprehendido o ensino de Portuguez, Inglez e Francez.

Serão considerados extraordinarios:

Os regimens particulares.

Concertos de sapatos e roupas.

As lições de:

Piano e Solfejo e aluguel do	
pianno. . . . .	30\$000 por mez
Canto. . . . .	30\$000 » »
Violino . . . . .	30\$000 » »
Desenho. . . . .	10\$000 » »
Pintura . . . . .	15\$000 » »
Harmonium . . . . .	25\$000 » »

Bandolim, Italiano, Allemão, Hespanhol, flores, corte etc.

O pagamento destas diciplinas será effectuado tambem em tres prestações adiantadas.

## PROGRAMMA DO ENSINO

Logo de entradas as meninas soffrerão exame, depois do qual serão collocadas na classe conforme ao seu adiantamento. O ensino dividido em tres cursos abrange as materias seguintes:

Religião, Calligraphia, Estylo epistolar, Leitura, Grammatica, Litteratura, Historia do Brasil, Historia Universal, Arithmetica, Algebra, Geometria, Geograp. e chorographia, Physica e chimica, Cosmogrpahia, Historia natural, Noções sobre as artes, Archeologia, Hygiene e Economia, Lógica, Botanica, Zoologia, Rhétorica e poética, Direito commum, Elementos de Philosophia.

Gymnastica, Trabalhos de agulha, phantasia e bordados de todos os generos e todos os que habilitem-na a encarregar-se de sua toilette.

## SEMI-INTERNATO

A educação, os estudos e o regulamento são os mesmos das pensionistas.

As alumnas deverão estar no collegio ás 8 1/2 da manhã, e sahirão ás 5 horas tarde.

Nos domingos e dias santos são obrigadas a ficar no collegio das 8 ás 10 horas da manhã.

O preço mensal é de 70\$000 pagos por mez adiantados.

Na entrada pagarão a joia de 25\$000.

As alumnas devem trazer 1 talher de prata ou christofle e 2 guardanapos.

## EXTERNATO

As externas deverão estar no collegio ás 10 horas da manhã e sahirão ás 4 1/2 da tarde.

O preço mensal será de 40\$000 para ás alumnas de 1.º curso e 35\$000 para ás de 2.º e 3.º curso, pagos adiantados.

*Jardim da Infancia*, 25\$000 por mez adiantados, de 3 a 8 annos de idade.

Na entrada pagará cada alumna a joia de 20\$000.

Classes extraordinarias para moças só e para lições particulares de Musica, Linguas estrangeiras, Bordados, Córte, Pintura, Dezenho e Adornos.

## NOSSOS DEFUNCTOS

Finou-se com a invejavel morte das predestinadas, e confortada com todos os auxilios da religião (inclusive a benção especial do Santo Padre) em Palencia (Espanha) na avançada idade de 72 annos, a Exma. Sra. D. Maria Ruiz de Peñalba, extremosa mãe que foi do nosso apreciado irmão de religião Revmo. Padre Ildefonso Peñalba, a quem apresentamos as nossas mais sentidas condolencias por esse tão impiedoso golpe que o acaba de ferir.

A extincta, que era modelar esposa e dedicada mãe, deixa innumeradas e fundas saudades no meio social em que viveu, principalmente pelos excellentes actos de caridade que soube praticar.

Não duvidamos de que os nossos caros assignantes elevarão uma precê ao trono misericordioso do Altissimo, pedindo pelo eterno repouso de sua alma.

R. I. P.

# A LEI DE DEUS

PRIMEIRO MANDAMENTO

Amarás a Deus sobre todas as cousas

LENDA PRIMEIRA

HEITOR E JOSE'

—Que é isto, meu filho? disse o bom cura, pegando na mão de José, e sentando-se á cabeceira da cama.

—Ah! é o senhor cura? exclamou elle.

—Sim, sou eu, que quiz vêr-te, porque me disseram que não estavas muito bom.

—Ah! senhor cura! quanto me alegre por terdes vindo! Poderei confessar-me, porque me parece que vou morrer.

—Que lembrança, meu filho! Se pensas em morrer, então não consinto em te confessar.

—Ah! senhor cura, sinto um remorso, cujo peso me mata.

—Então não sabes que *Deus não quer a morte do peccador, mas sim que se converta e viva?* Deposita no meu seio, querido filho, a falta que commetteste, e eu te absolverei d'ella em nome do Senhor.

—A minha falta bem a conhece o senhor padre, disse José com a voz cada vez mais fraca; desobedei ao filho de nossos amos; mas o que o senhor cura não sabe é que por minha culpa ficam meus paes na miseria.

—E' isso o que te afflige? Não sabes que aqui estou eu para os consolar, José? A tua dôr já não é justa; se te entregas a ella por mais tempo amarás mais a teus paes e a tua felicidade do que a Deus; elle envia-te a calamidade, recebe-a com paciencia e espera dias melhores.

José beijou a mão do digno sacerdote, e acabou a confissão, pura como a de um anjo. Então o ministro de Deus pegou no vaso, que depozera sobre a mesa e administrou-lhe o santo sacramento da Eucharistia, que José tomou com edificante devoção.

N'aquelle momento entraram no quarto Pedro e Genoveva banhados em lagrimas e seguidos por alguns vizinhos; porém um grito de espanto, que resou á porta da casa, suspendeu por alguns instantes até a sua propria afflicção.

—Fogo! fogo! bradaram algumas mulheres com voz afficta.

Com effeito um turbilhão de chammas se reflectiu nas brancas paredes da casa.

O cura correu á janella, olhou assombrado em redor do edificio e á claridade assustadora do incendio, viu correr pelo campo um lindo menino, cujos compridos cabellos castanhos agitava o vento da noite.

—Heitor!... exclamou o ancião com voz suffocada, e estendendo para o fugitivo as tremu-

las mãos... Heitor! Oh! meu Deus, perdoai-lhe!  
—Meu filho!... meu filho!... Quero salvar meu filho e minha mulher, gritava Pedro com voz aterradora.

E corria, sem saber em qual pegasse, do leito do filho para a cadeira, em que Genoveva desmaiára.

Um ancião tremulo e dobrado pelo peso dos annos, entrou n'este momento no quarto e se atirou soluçando sobre o corpo de Genoveva; era seu pai.

—Pedro! gritou o ancião, salva minha filha!...

Não t'a dei para a deixares morrer... salva-a... salva-a!

Uma serpente de fogo furou a parede da casa; e o incendio terrivel e devastador, penetrou no quarto, sem que o sustivessem a presença de Deus na sagrada Eucharistia, nem o lamento de tantas victimas.

A' vista da terrivel apparição o sacerdote pegou nas particulas sagradas, e sahiu do quarto: passando com heroico e santo valor por meio das chammas, precipitou-se no campo, onde cahiu de joelhos.

Um instante depois Pedro depoz ao seu lado o corpo da querida esposa, e sem se demorar um momento tornou a entrar em casa e pegou em José, o qual, julgando chegada a sua ultima hora, rezava com o socego de um anjo.

Outro lavrador tirou para fóra o pai de Genoveva e pouco depois de todos terem sahido de casa, abateu ella com terrivel estampido.

—Pedro Fernandes, dá-te á prisão, disse n'este momento uma voz grossa.

Todos os circumstantes ficaram mudos de terror, vendo o juiz da cidade proxima, acompanhado pelo escrivão e alguns esbirros.

Logo que teve noticia do incendio, e suspeitando que fóra Pedro que o ateára, o conde de Torreverde mandou um correio pedindo contra o réo o auxilio da lei.

O desgraçado Pedro abaixou a cabeça, inclinando-a sobre o rosto de José, o qual tinha sobre os joelhos envolvido em uma capa, que lhe haviam emprestado.

—Pedro Fernandes, dá-te á prisão em nome da lei, repetiu a mesma voz.

—Eu preso!... mas porque? disse o honrado lavrador.

—Por incendiario e por...

—Pedro Fernandes é innocente! bradou então o cura com o vaso sagrado nas mãos.

Um solemne silencio succedeu ás palavras do ministro de Deus; as pessoas do povo cahiram de joelhos diante do symbolo da fé, e os representantes da lei olharam uns para os outros confundidos.

Porém a sua incerteza não passou de um momento; o juiz fez signal ao escrivão e aos esbirros, que lhe corresponderam com um olhar de intelligencia.

—Senhor cura, disse então o juiz, sinto não poder attender ás suas razões, mas a justiça carece de alguma prova, que mostre a innocencia de Pedro.

—Que injustiça! disseram alguns vizinhos, que não podiam duvidar da honradez de Pedro.